

# A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO E A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM<sup>1</sup>

Maria Teresa Ceron Trevisol\*  
Elizangela Dalla Vecchia de Souza\*\*

## Resumo

Este artigo objetiva analisar a relação entre professor e aluno e a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. A base empírica é uma pesquisa de cunho exploratório e de natureza qualitativa, tendo como amostra alunos de uma turma do 4º ano do ensino fundamental, de uma escola pública do Município de Chapecó, e a professora responsável por ela. Como procedimentos de coleta de dados foi proposto aos alunos que efetuassem um desenho representando o que mais gostavam em sua escola. Após a realização do desenho ocorreu uma entrevista sobre o desenho efetuado. Realizou-se uma entrevista com os alunos e com a professora, tendo como norteador, um roteiro semiestruturado de questões. Como procedimento de análise de dados foi efetuada a análise do conteúdo das respostas dos pesquisados. Por meio dos dados coletados com alunos e professores, evidenciou-se que a relação pedagógica aliçada em um vínculo afetivo, no respeito e no desejo da promoção do desenvolvimento humano pode oportunizar processos de ensinar e de aprender mais efetivos. Os dados analisados revelaram que a relação entre professor e aluno é favorecida quando há a afetividade, pois esta designa compreensão, confiança, respeito entre ambos e gera a motivação no processo de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Processo de ensino e de aprendizagem. Afetividade. Alunos do 4º ano do ensino fundamental.

## 1 INTRODUÇÃO

O educador conduz por meio de seu planejamento a dinâmica de ensinar um saber científico, conduzido por um método, fundamentado em uma teoria. Nesse processo de ensinar há um conjunto de outras variáveis que interferem no resultado final que é a aprendizagem ou a internalização desse saber. Entre essas variáveis, destaca-se o papel da afetividade na relação entre o professor e o aluno e no processo de ensinar e de aprender.

De acordo com Gaspar (2011) a presença da afetividade na relação professor-aluno e a qualidade da mediação pedagógica marcam a atuação profissional docente no desenvolvimento do aluno. Quando a afetividade se torna um instrumento de trabalho e o educador a reconhece como elemento direcionador de práticas didáticas, o resultado desse processo será diferenciado.

Conforme Reis (2005, p. 60), a afetividade é a chave central no processo relacional entre professor-aluno, pois a interação que acontece na sala de aula quando permeada de sentimentos e emoções que afetam os sujeitos pode favorecer ou não a aprendizagem.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar o papel da afetividade na relação professor-aluno e no percurso do ensinar e do aprender, do ponto de vista dos alunos e da professora que acompanha esses alunos.

A base empírica deste artigo é uma pesquisa de cunho exploratório e de natureza qualitativa. O estudo realizado contou com uma amostra composta por 28 alunos – 17 meninas e 11 meninos – matriculados em uma escola pública

<sup>1</sup> Este artigo é resultante de um trabalho de investigação intitulado A relação professor e aluno e a importância do afeto no processo ensino-aprendizagem. A pesquisa contou com bolsa referente ao artigo 171 (PIBIC/Unoesc).

\* Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Mestrado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Docente da graduação e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED).

\*\* Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Chapecó, Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; Professora da Educação Básica; elizangela.psique@gmail.com

do Município de Chapecó, SC, em uma turma do 4º ano do ensino fundamental, além da professora responsável por ela. Os alunos possuíam uma faixa de idade entre 9 e 10 anos.

Como procedimento de coleta de dados, foi proposto aos alunos, inicialmente, que organizassem um desenho se posicionando em relação à questão: “O que você mais gosta em sua escola?”. Todos os alunos da turma participaram da atividade. Após a realização do desenho, houve um momento de contato individual com cada um dos alunos da turma em que eles explicitaram sua resposta em relação à questão proposta. A partir desse contato com os alunos e da descrição prévia do desenho realizado foram selecionados alguns alunos para participar de uma entrevista, considerando como critério de seleção os que haviam evidenciado em seus desenhos a figura do professor como um dos elementos que gostam no contexto da escola.

Do total de alunos da turma foram selecionados 4 alunos (3 meninas e 1 menino) para participar de uma entrevista. Esta contou com um roteiro de questões semiestruturado. As questões que compuseram esse roteiro foram: 1- O que você mais gosta na sala de aula?; 2 - Você gosta que o professor converse com você?; 3 - Que assuntos você gosta de conversar com o professor?; 4 - O que o professor faz em sala de aula que você não gosta?; 5 - O que você faz para demonstrar carinho por seus professores?; 6 - O que você acha que o professor precisa fazer para favorecer o teu aprendizado?

Após a entrevista com os alunos, também foi entrevistada a professora regente da turma. O propósito dessa entrevista foi recolher dados sobre a relação professor-aluno, a afetividade nessa relação e se ela interfere no processo de ensino-aprendizagem, segundo a compreensão da professora. A entrevista realizada também contou com um roteiro semiestruturado de questões. Foram efetuadas 4 questões, a saber: 1- Para você, qual é o papel do afeto entre você e os seus alunos?; 2 - Você percebe relação entre a afetividade e a aprendizagem? De que forma?; 3 - A afetividade pode ajudar ou auxiliar a aprendizagem? De que forma?; 4 - Quais são as suas ações que demonstram afeto por seus alunos?

Como procedimento de análise dos dados foi efetuada a análise do conteúdo das respostas dos sujeitos participantes considerando os objetivos da pesquisa.

## **2 O PAPEL DO PROFESSOR E DO ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Conforme Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005, p. 693), “[...] o professor é alguém que demonstra uma visão dinâmica de afirmação da vida e realça o seu papel formativo, disciplinador e altamente intencional.” Para que esses papéis alcancem seus objetivos, o diálogo entre professor e aluno se torna fundamental, pois a afeição dessa troca implica os objetivos dos processos de ensino.

O professor é quem planeja e busca inúmeras possibilidades para conduzir e descobrir as potencialidades do aluno, ou seja, o professor planeja ações cujos objetivos se realizam no aluno. “Na esfera de ações do professor, existe um impacto no aluno que é intencional e esperado como realização, fato que não se pode afirmar que existia da parte do aluno.” (TUNES; TACCA; BATHOLO JÚNIOR, 2005, p. 690).

O docente deve empenhar-se em promover a aprendizagem de seu aluno e usar recursos que interfiram na atividade psíquica, ou seja, no pensamento, pois esse fator contribui para que o profissional possa escolher métodos eficazes, e o planejamento do percurso deve estar coordenado com o modo de pensar do aluno. Por outro lado, o aluno dirige o procedimento do aprender, limitando ou ativando as possibilidades de ação do professor. Nesse sentido, o educando, enquanto sujeito, pode ser ativo e interativo na construção do conhecimento.

No relacionamento professor-aluno, acontecem trocas de experiências e de conhecimentos, se comparado aos diferentes papéis de cada um no processo e sua importância, e pode-se afirmar que o professor também aprende com a realidade de cada aluno; “[...] e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos também ensina e aprende mesmo sem intencionalidade.” (SILVA; NAVARRO, 2012, p. 97).

Cunha (2004, p. 155) declara que “[...] ser professor e ser aluno extrapola a relação de ensinar e aprender os conteúdos de ensino [...] O professor e o aluno não podem ser engolidos pelo ritual escolar, precisam ser sujeitos conscientes, protagonistas desse ritual.”

Ressalta-se a ideia de que o professor é responsável pela harmonia na sala de aula, de proporcionar uma relação afetiva na qual se possa repassar conhecimentos e experiências além daquelas previstas nos conteúdos das diferentes

disciplinas escolares. Dessa forma, o clima da sala de aula vai colaborar para a melhor produtividade e desenvolvimento do aluno, pela própria relação estabelecida entre o professor e o aluno.

Freire (1996, p. 159) “[...] destaca como falsa a separação radical entre severidade docente e afetividade”, ou seja, o melhor professor não é aquele que se apresenta, nas relações com os alunos, como o mais severo, frio, distante e “cinzento”.

Segundo Cunha (2004), o relacionamento interpessoal entre professor e aluno está diretamente ligado a um olhar cuidadoso, a um ouvir acolhedor das demandas, a um falar autêntico que devem ser desenvolvidos ao longo do tempo, com afetividade, amizade, comprometimento e respeito mútuo. Nesse sentido, conhecer o que as crianças pensam e oportunizar momentos para elas expressarem suas representações, sentimentos, percepções sobre o que lhes diz respeito, principalmente no ambiente escolar, contribui para a obtenção de informações que possibilitam a adequação do processo educativo às suas reais necessidades, além de respeitá-las como cidadãos que têm direito de participação e de expressão (COSTA; BARRETTO, 2011, p. 2005).

Por conseguinte, uma relação pedagógica baseada em um vínculo afetivo permitirá ao professor perceber e sentir quando o seu aluno não está bem, assumir o desafio de aceitá-los como são e aprender a trabalhar com as dificuldades de cada um, no exercício da tolerância, revisando criticamente o seu papel de professor, do aluno e da escola. Enfim, a dinâmica dessa relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem vai além da simples influência na construção da cidadania, interfere diretamente nos valores intelectuais, morais, culturais e sociais de ambos, pois requer a disposição e a dedicação para se atingir os objetivos escolares previstos.

## 2.1 O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE

O ensino é essencialmente social, como Silva e Navarro (2012, p. 95) comentam, “[...] pois envolve necessariamente relações com outras pessoas, e por isso, o professor não deve se preocupar somente com o conhecimento, ou seja, apenas absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania.”

Em relação ao ensino, o papel do professor para atingir seus objetivos, segundo Mahoney e Almeida (2005), reside em confiar na capacidade do aluno, ele é capaz de aprender; os objetivos do que é ensinado, se está promovendo o desenvolvimento de seu educando; as inúmeras experiências de repassar o conhecimento específico da área afim da sua formação, mais as habilidades de relacionamento interpessoal proporcionam uma integração cognitiva-afetiva (conhecimentos, concepções, crenças, valores).

Para Freire (1996, p. 52), “[...] saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” E isso ocorre no relacionamento estabelecido entre professores e alunos, na organização didático-pedagógica, no acompanhamento do processo de ensino e de aprendizagem, na definição do processo avaliativo e dos constantes *feedbacks* em relação a esses processos.

O aprendizado é o resultado de uma troca não apenas de uma simples informação a respeito de um tema propriamente apresentado, mas explorado de forma a extrapolar o seu conceito prévio. Como relata Silva e Navarro (2012, p. 97), “[...] as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um desencadeiam ou promovem as do outro.”

Cabe destacar, ainda, que no contexto de aprendizagem temos o aluno que busca a escola com motivações diferentes, tem características próprias, conforme o seu momento de desenvolvimento, tem saberes elaborados nas suas condições de existência e age de forma integrada envolvendo as dimensões afetiva, cognitiva e motora (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

O discente não é um depósito de conhecimentos se comparado a um acervo de arquivos que nunca podem ser explorados, mas o aluno deve ser visto como um ser capaz de pensar, refletir, criticar, participar, definir o que quer e o que não quer aprender.

O docente conduz o processo e exerce um papel de grande relevância para atingir à expectativa ou ao resultado final – a absorção do conhecimento – uma vez que o professor se apresenta como um sujeito que tem mais experiência e conhecimento sistematizado se comparado ao aluno ou aprendiz. O método é a ferramenta do docente e deve ser usado como meio de facilitar a aprendizagem. O professor é o intermediário entre o conteúdo da aprendizagem e a atividade construtiva do aluno, visando à assimilação do conhecimento e à formação de cidadãos conscientes.

A importância da afetividade na relação professor-aluno, segundo Gaspar (2011), é que a presença da afetividade nessa relação e a qualidade da mediação pedagógica marcam a atuação profissional do docente. Quando a afetividade se torna um instrumento de trabalho e o educador a reconhece como elemento direcionador de práticas didáticas, o resultado será a intervenção no caráter preventivo, criativo e interdisciplinar do desenvolvimento do aluno. Em contrapartida, “[...] a não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudicam a ambos, e isso afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem desencadeando o desinteresse, gerando resistência ao processo de aprender, insatisfação e o estresse.” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 13).

Nesse sentido, a dimensão afetiva está envolvida tanto no ensinar quanto no aprender. Vasconcellos (2009, p. 46) enfatiza que o desenvolvimento e a aprendizagem são inaugurados na emoção e na afetividade. “O querer pode ser comparado ao vetor: tem módulo (intensidade), direção (foco) e sentido (atração ou repulsão).” E esse querer pode ser denominado pela: motivação, interesse, vontade, desejo, curiosidade, intencionalidade, necessidade, entre outros significados.

A sala de aula torna-se um laboratório, um local propício para identificar nos processos de aprender, também, os alunos que apresentam distúrbios ou dificuldades de aprendizagem. E o professor tem um papel importante nesse processo de identificação desses problemas.

Carvalho, Crenilte e Clasca (2007, p. 230) ressaltam que “[...] considerando o aprender pouco, uma dificuldade e ensinar mal, uma variável, [...] a ênfase do desconhecimento do professor com relação aos problemas comportamentais e distúrbios de aprendizagem levam a uma atuação equivocada no processo educacional.” Desse modo, as autoras (2007) destacam que para ter um diagnóstico de distúrbios de aprendizagem não é muito fácil, pois tem que se considerar algumas questões, como: fatores psicopedagógicos e condições socioeconômica-familiares, pois estas podem afetar no desenvolvimento escolar do aluno.

Segundo López (2004, p. 118), “[...] não há um único padrão de personalidade, de problemas de conduta e de habilidades sociais dos alunos com dificuldades de aprendizagem.” Portanto, os problemas não são iguais nem têm a mesma intensidade entre os alunos, como também não é possível mostrar um parecer dos que simplesmente apresentam um baixo rendimento escolar. No entanto, os problemas emocionais podem ser manifestos de forma diversificada, como Lyra (2009, p. 436) descreve: “[...] o aluno pode ser considerado desobediente, impaciente, agitado, destrutivo ou, então, desanimado, desacreditado e quieto, o que não, necessariamente, chama a atenção do professor.”

O professor também se constitui um profissional importante para a identificação dos problemas comportamentais dos alunos. Porém, Lyra (2009, p. 436) destaca que “[...] o estresse vivenciado em sala de aula e a presença de problemas de saúde mental dos professores podem dificultar suas tomadas de decisão e possibilitar resultados nem sempre positivos para a criança.”

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS**

Na sequência apresentamos aspectos significativos que a análise dos dados evidenciou, a saber: a importância da relação afetiva entre o professor e o aluno no processo do aprender; a compreensão do professor quanto ao papel da afetividade nesse processo; como é evidenciado o afeto entre professor e aluno na sala de aula. Na descrição das respostas os alunos que constituíram a amostra foram identificados como: aluno X, aluno Y, aluno Z e aluno W.

#### **3.1 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: COMPREENSÃO DE ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Os alunos pesquisados foram questionados sobre o que mais gostam na sala de aula. O foco das respostas se deveu à observância da professora, dos colegas e das amigas. Os alunos X e Y ressaltaram ter admiração por sua professora, o Z, pela professora e pelas amigas na sala de aula e o aluno W reforçou a importância da companhia dos colegas da turma. Os alunos se beneficiam da socialização com os amigos. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2010, p. 371-372), “[...] Elas desenvolvem habilidades necessárias à socialização e à intimidade, intensificam os relacionamentos, [...] são motivadas a realizar coisas, além de adquirirem um senso de identidade, aprendem a liderar e a se comunicar, a coope-

rar, e também papéis sociais e regras.” Afinal, a interação entre os alunos, a troca de experiência entre seus pares, pode propiciar a construção de novos autoconceitos, além de contribuir para a autoestima e bem-estar.

É importante considerar o ambiente afetivo do espaço da sala de aula, além da identificação do aluno com seu professor, a interação entre eles, como um fator primordial tanto para o ensino quanto para a aprendizagem. Na sala de aula o professor ocupa o lugar de figura central, pois é ele quem media o processo. Entretanto, em nem todas as salas de aula ocorre uma identificação com o profissional ou com o método que trabalha.

Outra questão da entrevista se referia ao questionamento se os alunos gostam que o professor converse com eles. As respostas assinalaram essa aproximação entre professor e alunos como importante. Para exemplificar esse posicionamento, selecionou-se algumas respostas dos alunos: “Gosto e bastante quando ela me explica as coisas.” (Aluno X); “Eu gosto que ela conversa e quando a gente não está bem na sala ela pergunta o porquê a gente tá triste.” (Aluno X) (informações verbais). Considerando essas respostas é possível afirmar que o professor é responsável pela harmonia na sala de aula, de proporcionar uma relação afetiva na qual possa repassar conhecimentos e experiências, além daquelas previstas nos conteúdos de ensino pedagógicos. Dessa forma, o clima da sala de aula vai colaborar para a melhor produtividade e desenvolvimento do aluno, pela própria relação estabelecida entre o professor e o aluno.

A terceira questão do roteiro da entrevista solicitava os assuntos que os alunos gostavam de conversar com a professora. Evidenciou-se nas respostas o interesse de conhecer “sobre a vida da professora”; “sobre a história da professora”; “sobre alguma coisa da matéria que eu não entendo bem”. Nesse sentido, cabe destacar que no contexto escolar ocorrem inúmeras experiências interpessoais que possibilitam o processo de elaboração e reelaboração de conhecimentos e que, de forma dinâmica, podem integrar a atividade psíquica de cada participante dessa relação. Portanto, esse movimento relacional permite uma abrangência de significações que são criadas no momento da própria relação, de modo intersubjetivo. “Do ponto de vista psicológico, a dinâmica relacional não é simples nem linear. Ao contrário, é um acontecimento vivo, contraditório e multidimensional, que pode direcionar a constituição de diferentes configurações da personalidade.” (GONZÁLES, 1997 apud TUNES; TACCA; BATHOLO JÚNIO, 2005, p. 690).

Os alunos foram questionados sobre o que não gostam que sua professora faça em sala de aula. Dois dos alunos que participaram da entrevista mencionaram que não gostam quando a professora “xinga ou briga com eles,” e dois outros explicitaram que ela nunca fez nada que eles não gostassem.

Também foi solicitado que eles falassem o que fazem para demonstrar carinho pela professora. Chama a atenção as manifestações carinhosas e afetivas explicitadas pelos alunos em relação a sua professora, como verificado nas respostas a seguir: “Dou figurinhas, faço desenhos, dou abraços.” (Aluno X); “Eu chego na sala de aula e dou um abraço nela, às vezes, faço cartinha.” (Aluno Y); “De vez em quando eu pego uma folha e desenho um coração e escrevo uma mensagem e dou pra professora, sempre gostei dela, ela é muito querida.” (Aluno Z) (informações verbais).

Para Antunes (2006), a afetividade é um emaranhado de acontecimentos psíquicos que se demonstram sob a forma de emoções, e estas geram sentimentos; a afetividade está presente na genética do ser humano, pois para sua própria sobrevivência demanda a necessidade do outro, e essa necessidade se demonstra com afeto.

O papel da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem é fundamental tanto para o professor quanto para o aluno, pois é um elemento importante para aumentar sua eficácia. A afetividade pode ser considerada chave central no processo relacional entre professor-aluno, pois a interação que acontece na sala de aula quando permeada de sentimentos e emoções que afetam os sujeitos pode favorecer ou não a aprendizagem.

Os alunos foram questionados sobre o que achavam que o professor precisaria fazer para facilitar o aprendizado deles. Os alunos Y e Z não se posicionaram quanto ao que a professora poderia fazer para melhorar, pois consideram que a professora “já facilita demais o aprendizado”; “explica bem”. Por outro lado, o aluno X respondeu que para facilitar o aprendizado a professora deveria explicar melhor. E o aluno W aponta outro aspecto, que a professora deveria passar coisas novas no quadro, ou seja, ensinar coisas novas – no sentido de avançar o conteúdo.

Em análise às respostas dos alunos, observa-se níveis diferentes de assimilação da aprendizagem em um mesmo espaço de ensino: enquanto dois alunos demonstraram acompanhar o ritmo do ensinar, um demonstrou dificuldades em acompanhar o conteúdo, e o outro aluno sugere que a professora “ensine coisas novas”. Essa diferenciação de compreensão em relação ao processo de ensinar e de aprender possui, também, em sua essência os desejos dos alunos quanto ao que buscam na escola, suas motivações, características conforme o seu momento de desenvolvimento; di-

mensões afetivo-cognitivas. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 12). Nesse sentido, um dos grandes desafios do docente no contexto da escola e da sala de aula é enxergar o aluno em seu contexto e concretude.

Considerando as respostas dos alunos pesquisados, evidenciou-se que a mediação pedagógica constitui um elo entre conhecimento e aluno. O aprendizado é o resultado de uma troca não apenas de uma simples informação a respeito de um tema propriamente apresentado, mas explorado de forma a extrapolar os conhecimentos prévios. Como relatam Silva e Navarro (2012, p. 97), “[...] as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um desencadeiam ou promovem as do outro.”

### 3.2 COMPREENSÃO DO PROFESSOR SOBRE A INTERFERÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

A entrevista realizada com a professora regente do 4º ano do ensino fundamental, também propiciou dados interessantes, que colaboram para a compreensão do lugar da afetividade na relação pedagógica e no processo de ensinar e de aprender. A professora foi questionada sobre o que é afeto. Para a professora, “Afeto é respeitar meu aluno e ser respeitada por ele.” (informação verbal). Cabe ressaltar que a forma como o professor se relaciona com o aluno é um dos aspectos que representa diferencial em sala de aula; a flexibilidade no encaminhamento de questões envolvendo diferentes naturezas de problema; saber negociar; lidar com o diferente ou com o inesperado – aquilo que de algum modo extrapola o habitual de uma sala de aula – pode quebrar o ritual de um “currículo oculto”, ou seja, o modo tradicional e formal de conduzir o processo.

A professora foi questionada se verificava que havia relação entre a afetividade e a aprendizagem e de que forma. Segundo a professora (informação verbal): “Sim, tudo o que é feito com carinho dá resultado e é positivo, e a forma pelo que se apresenta o comportamento e o desenvolvimento da turma, muitas vezes, revela o que sentem.” Também foi questionada, a professora, sobre se percebia afeto entre ela e seus alunos. A professora explicitou que verifica o afeto nos diálogos, nas trocas de conhecimento, na aprendizagem, quando recebo carinho e transmito.

Verificou-se concordância desses elementos também nas repostas dos alunos quando questionados em relação ao afeto: “O que você faz para demonstrar carinho pelo seu professor?” Evidenciou-se que três alunos dos entrevistados pontuaram o abraço dado ao professor quando chegam à sala. E o que é comum aos quatro alunos é desenhar, escrever mensagens, dar figurinhas e beijos na professora. De fato, os processos afetivos tornam-se reconhecidos como importantes e necessários na mediação pedagógica.

A professora foi questionada no decorrer da entrevista sobre se “A afetividade pode ajudar ou auxiliar a aprendizagem? De que forma?” A resposta emitida pela professora revelou o seguinte posicionamento: “Com certeza, quando há troca de afeto entre professor e aluno, o aprendizado acontece naturalmente, existe mais confiança e liberdade para questionar e aprender.” (informação verbal). A docente revelou, em sua resposta, que a dimensão afetiva interfere no processo de construção do saber, que, considerando esse aspecto, o ensinar e o aprender atingem potencialidades que marcam a vida escolar do aluno e resultam em grandes experiências, de tal modo, na vida do próprio docente.

Conforme Coll, MARCHESI e Palásios (2004), quando as crianças chegam à escola, encontram um contexto de aprendizagem diferente do que se desenvolve em casa. Na escola, boa parte do tempo é dedicada a aprender em grupo, de modo que as interações entre o adulto e a criança são minimizadas considerando as interações com os iguais. Desse modo, a comunicação que a criança constrói com os professores e colegas lhe propicia habilidades cada vez mais complexas de descrever e categorizar os acontecimentos, extrair os conceitos importantes, conectar ideias com outras, reconhecer as relações de causa-efeito, fazer juízos, prever e formular hipóteses, entre outras.

Por último, a professora foi questionada sobre quais são as suas ações em que demonstra afeto por seus alunos. Segundo a docente:

A relação que possuo com eles é muito boa, excelente; eu acho que a todo o momento acontece a afetividade, desde o diálogo, quando planejo a minha aula, quando me preocupo se estão entendendo o conteúdo e, principalmente, se estão aprendendo. Procuro trabalhar com as diferenças, respeitando o tempo de cada um. (informação verbal).

E deixou uma observação no final da entrevista: “[...] essa turma é movida com afetividade e respeito entre eles, já trabalhei com várias turmas e essa é a melhor.” (informação verbal).

Pelas respostas dessa docente, evidencia-se o perfil de educadora comprometida com o desenvolvimento e crescimento de seus alunos, sua preocupação em conhecer seus alunos por meio de uma relação pautada no afeto. Considerando esses elementos, busca elaborar um plano de aula que contemple os conhecimentos prévios do aluno, mas também suas limitações, e isso faz com que todos avancem, entretanto, respeitando cada um como singular, no seu ritmo.

## 4 CONCLUSÃO

Considerando o foco deste artigo, que buscou analisar a importância da afetividade na relação pedagógica e nos processos de ensino e de aprendizagem, evidenciou-se por meio dos dados coletados com alunos e professores que a relação pedagógica alicerçada em um vínculo afetivo, no respeito e no desejo da promoção do desenvolvimento humano pode oportunizar processos de ensinar e de aprender mais efetivos. Merece atenção o fato de que a afetividade entre os alunos e a professora foi confirmada pelas respostas dos participantes.

Cabe destacar a reflexão oportunizada por Vasconcellos (2009, p.46), em seu texto: “O que é necessário para que o aluno aprenda?”, a respeito da afetividade no processo de aprendizado do aluno. Segundo o autor, o desenvolvimento e a aprendizagem são inaugurados na emoção e na afetividade. “O querer pode ser comparado ao vetor: tem módulo (intensidade), direção (foco) e sentido (atração ou repulsão).” E esse querer pode ser denominado pela: motivação, interesse, vontade, desejo, curiosidade, intencionalidade, necessidade, entre outros significados, tornando-se elementos fundamentais para a consolidação de todo o processo de ensinar e de aprender.

### *The teacher-student relationship and the importance of affect in the teaching-learning process*

#### *Abstract*

*This article aims to analyze the teacher and student relationship and the importance of affectivity in the teaching and learning process. The empirical basis of the article presented is a research of an exploratory and qualitative nature, with a sample students in a class of 4th year of elementary school, of a public school in the city of Chapecó and the teacher responsible for the same. As procedures for the data collection was offered to the students to performed, a drawing representing what most like about your school. After developing the draw, occurred an interview about the drawing. Was conducted an interview with the students and the teacher, guided by a semi-structured list of questions. As the procedure for data analysis, was performed the analysis of the answers of respondents. Through the data collected with students and teachers showed that the pedagogical relationship founded on an affective link, respect and the desire of promoting human development can create opportunities of teaching and learning more effective. The data analyzed revealed that the relationship between teacher and student is favored when there is an affection, as this relates to understanding, trust, respect between them and generates the motivation in the process of teaching and learning .*

*Keywords: Teacher-student relationship. Teaching and learning. Affectivity. 4th year students of elementary school.*

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

CARVALHO, Fabrícia Bignolto; CRENILTE, Patrícia Abreu Pinheiro; CLASCA, Sylvia Maria. Distúrbios de Aprendizagem na Visão do Professor. **Psicopedagogia**, v. 24, n. 75, p. 229-239, 2007.

COLL, César (Org.); MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, Bethania de Assis; BARRETO, Maria de Lourdes Mattos. A escola sob o olhar das crianças que frequentam um ambiente construtivista. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**. v. 22. n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/79/123>>. Acesso em: 20 out 2014.

CUNHA, Maria Isabel. da. A relação professor-aluno. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Coord.) **Repensando a Didática**. Campinas: Papirus, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, Fernanda Drummond Ruas; COSTA, Thaís Almeida. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Psicol. Esc. Educ.** v. 15, n. 1, p. 121-129, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/13.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

LYRA, Gabriela Franco Dias et al. A relação entre professores com sofrimento psíquico e crianças escolares com problemas de comportamento. **Ciênc. saúde coletiva**. v. 14, n. 2, p. 435-444, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a12v14n2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

LÓPEZ, Félix. Problemas afetivos e de conduta na sala de aula. In: COLL, César et al. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. 2005. Disponível em: <<http://ftp-acd.puc-campinas.edu.br/pub/professores/cchsa/msilvia/Especializa%C3%A7%C3%A3o/Monografias/Afetividade/contribui%C3%A7%C3%B5es%20de%20Henri%20Wallon.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

REIS, Regina Mary César. A pré-escola na visão de crianças de 1ª série. **Psicologia da Educação**. São Paulo, v. 20, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a04.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

SILVA, Ormenzina Garcia da; NAVARRO, Elaine Cristina. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 2, n. 8, 2012. Disponível em: <<http://www.univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/82>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; BARTHOLO JÚNIOR, Roberto dos Santos. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**. v. 35, n. 126, p. 689-698, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. O que é necessário para que o aluno aprenda? **Pátio**, ano 13, n. 49, fev./abr. 2009.